

A FELICIDADE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: O que a análise do comportamento tem a dizer?

Diego Zaunrith Danté (IC) e Alex Moreira Carvalho (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O fenômeno da felicidade está no centro do debate hoje sobre os processos de subjetivação, gerando discussões e produções acadêmicas das mais variadas. A partir dessa observação, a psicologia comportamental apresenta suas contribuições e achados por meio de uma ótica científica. O objetivo deste estudo é identificar, descrever e analisar essa contribuição. Metodologicamente, a análise foi realizada a partir da coleta e leitura de 24 materiais (11 artigos, 6 dissertações de mestrado, 4 livros, 1 trabalho de conclusão de curso, 2 teses de doutorado) de 2001-2020 através das bases de dados Google Acadêmico, Scielo e BVS Psicologia. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “prazer; felicidade; bem-estar; saúde; análise do comportamento; behaviorismo”. Os resultados encontrados descrevem que a felicidade ocorre de maneira única para cada indivíduo, dependendo de fatores culturais e contingentes para seu acontecimento, e o fenômeno segue as regras do comportamento operante e respondente. As contingências identificadas podem ser analisadas pelo indivíduo que está inserido nelas por meio do autoconhecimento e autocontrole, que, por sua vez, o ajudam a identificar as precedências e conseqüências de seu comportamento. Entretanto, os autores estudados mencionam que a felicidade também é um fenômeno cultural, pois depende de uma série de atribuições e conseqüências culturais para sua ocorrência nos indivíduos de uma mesma cultura. Portanto, os conteúdos analisados direcionaram a pesquisa ao campo de planejamento cultural e ética no behaviorismo como principais maneiras de obter uma sociedade mais feliz.

Palavras-chave: Felicidade. Behaviorismo Radical. Cultura.

ABSTRACT

The phenomenon of happiness is currently consolidated as the focus of debates about subjectivation, resulting in a plethora of academic productions regarding this theme. Based on this observation, this paper has the objective of identifying, describing and analyzing radical behaviorism's perspective and contributions on the topic through a scientific lens. Methodologically, the analysis was performed by the gathering and reading of 24 publications

(11 articles, 6 master's degree thesis, 4 books, 1 bachelor degree's thesis, 2 doctoral thesis) from 2001-2020 via the following databases - Google Academic, Scielo and BVS Psychology. The following keywords were used for the research: "pleasure; happiness; welfare; health; behavior analysis; behaviorism". The results describe that happiness occurs in a unique way for each individual, depending on cultural and contingent factors for its occurrence. The phenomenon complies with the rules of operant and respondent behavior as it is presented in radical behaviorism. Individuals affected by contingencies of happiness can analyze and comprehend them through self-knowledge and self-control processes, thus helping them identify precedencies and consequences of their behavior. However, the authors that were studied mention that happiness is also a cultural phenomenon, as it depends on a series of cultural attributions and consequences for its occurrence in individuals of the same culture. Therefore, the analyzed content led the research to the field of cultural planning and ethics in behaviorism as the main ways to obtain a happier society.

Keywords: Happiness, Radical Behaviorism, Culture

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, muito tem se discutido acerca da compreensão da felicidade. Diversas teorias e filosofias se dedicaram quase exclusivamente ao seu estudo, e ainda não há um consenso sobre o fenômeno. É um conceito aparentemente universal para as culturas, e pode dizer muito sobre a espécie humana em sua natureza. Portanto, alguns questionamentos surgem: o que é a felicidade? Como se pode obtê-la? Qual é o papel da cultura na atribuição da felicidade para o indivíduo? Essas perguntas permeiam a contemporaneidade, e devem ser respondidas a partir do crivo científico. Partindo dessa justificativa, é de suma importância a investigação do tema sob a perspectiva da Análise do Comportamento, tendo em consideração o crescente desenvolvimento de teorias (algumas dentro da psicologia) que se dedicam ao estudo desse fenômeno. Portanto, o objetivo principal desta investigação é enunciar como a Análise do Comportamento compreende a felicidade, especialmente explorando os trabalhos de B. F. Skinner, também desenvolvendo os tópicos de planejamento cultural, autocontrole e autoconhecimento como pilares dessa discussão, tópicos que os materiais analisados consideram como principais para a definição do conceito. Estes permitem uma exploração não apenas individual, mas cultural deste fenômeno.

Para os fins desta pesquisa, foram analisados 24 materiais, entre o período de 2001 a 2020. Não estão inclusos nestes períodos os livros utilizados como complemento para os resultados e discussões. As bases de dados consultadas foram a Scielo, BVS Psicologia e o Google Acadêmico. Para encontrar material foram utilizadas inicialmente as palavras-chave ou descritores “prazer; felicidade; bem-estar; saúde; análise do comportamento; behaviorismo”.

Em função da baixa quantidade de material encontrado foi necessário expandir o escopo de pesquisa. Assim, novas palavras-chave ou descritores foram acrescentados; foram elas: “saúde, autocontrole, autoconhecimento, ética skinneriana, ética behaviorista”. As alterações feitas do projeto para a pesquisa em si foram: a) o aumento do intervalo de tempo de publicações a serem pesquisadas (de 10 para 20 anos); b) escopo mais variado de materiais pesquisados, agora pesquisando artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado e publicações em revistas. Não foram realizadas mais alterações no método de coleta e análise dos materiais.

Utilizando o método descrito no projeto de iniciação científica, foram encontrados, ao todo, 5 artigos. Após as alterações no método, foram encontrados mais 6 artigos, 6 dissertações de mestrado, 4 livros (estes servindo como complementares ao material encontrado), 2 teses de doutorado, uma tese de conclusão de curso e uma monografia de

especialização em análise do comportamento, totalizando 24 materiais analisados. Essa segunda busca resultou na identificação de textos que apresentam relações conceituais e filosóficas da análise do comportamento que, mais satisfatoriamente, ajudam o conceito de felicidade a ser descrito neste trabalho.

Desta maneira, pode-se elucidar com mais precisão o que está sendo discutido a respeito do tópico na contemporaneidade acadêmica brasileira.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 Definindo felicidade

Compreende-se, a primeiro momento, sobre a felicidade no contexto contemporâneo sob a ótica da análise do comportamento em 3 processos complementares, de acordo com Tourinho (2011, p.192)

1. O comportamento respondente (o qual pode ser condicionado) de felicidade, descrito comumente como liberação de dopamina, dilatação da pupila, aumento da frequência cardíaca, entre outros, na presença de estímulos prazerosos;
2. Comportamento de autodescrição/verbal - dizer que está feliz ou tem sido feliz ultimamente, ou seja, topografias públicas (que podem ou não ser verbais);
3. Relações entre o comportamento respondente, o de autodescrição/verbal e o ambiente contextual: nos níveis ontogenéticos e culturais de seleção, a classe de respostas que está associada com os comportamentos individuais de estimulação respondente e autodescritiva de felicidade ganham peso sócio-cultural. Isto é, o ambiente que está em volta do indivíduo passa a estabelecer a funcionalidade dos comportamentos públicos com os privados, e serve como base para o próprio indivíduo para usar sua própria estimulação como referência do que é estar feliz para outros indivíduos.

Esta relação entre os comportamentos públicos e privados de descrição de felicidade também são corroborados pela metanálise de Epicuro e Skinner, realizada por Tamura e Laurenti (2017, p. 189-190), que concluem que a felicidade, do ponto de vista comportamental, se afasta de um conceito abstrato, como uma ideia ou ponto de referência universal, para as interpretações individuais e públicas do que pode ser considerado felicidade. Em seu artigo, as autoras compreendem o conceito, a partir da análise dos autores propostos, como uma

classe de respostas que dependem do indivíduo e da sociedade em sua compreensão individual.

Também segundo Laurenti (2009, p. 263-264), comportamentos tipicamente geram dois tipos de consequências: probabilísticas, que alteram a probabilidade do comportamento voltar a ocorrer no futuro, e sentimentos, que são, por sua vez, outros comportamentos. Em casos de reforçamento positivo, o indivíduo pode ter consequências sentimentais como confiança, ao ser elogiado por um amigo, ou felicidade, ao conseguir passar em um processo seletivo. Por outro lado, comportamentos que são punidos positivamente podem levar a sentimentos de medo, em caso de uma agressão verbal por uma figura de autoridade, ou inveja, por ver um amigo alcançar algo que almejava. Todos estes sentimentos, entretanto, dependem da história de seleção comportamental de cada indivíduo, e situações parecidas (frequentemente) podem gerar sentimentos completamente distintos entre indivíduos.

Em complemento, vale ressaltar a importância do valor de reforçamento para a manutenção dos comportamentos; Ademais, alguns comportamentos têm um valor de reforçamento alto devido sua suscetibilidade evolutiva (ABIB, 2010). Pode-se observar este tipo de relação nos comportamentos alimentares, por exemplo - alimentos que não são saudáveis e que costumam ser altamente calóricos são mais gostosos. Isso pode ser atribuído a um passado filogenético da espécie humana em que alimentos hipercalóricos eram muito raros e importantes para o valor de sobrevivência da espécie. Desta maneira, os comportamentos envolvendo estes alimentos, por consequência, alavancaram o seu valor de reforçamento e perduram até os dias presentes. Outro exemplo relevante é o comportamento sexual sem intenção reprodutiva - como é explicado pela biologia, o motivo do sexo é, entre todos os seres vivos, a reprodução. Mas o mesmo não pode ser dito para todos os humanos, visto que é também uma fonte de prazer. Na contemporaneidade, ter um filho é um desafio e, para muitos casos, pode ser significativamente aversivo a longo prazo (por questões de dinheiro, tempo, cuidados, educação, entre outros).

Após a discussão do parágrafo, deve-se resgatar, entretanto, uma consideração importante sobre o comportamento operante e as sensações – conforme delimitado anteriormente, as sensações são produtos colaterais do comportamento, frutos da consequência produzida pelo comportamento, e manifesta-se de maneira respondente. Estas sensações são identificadas em função das contingências de descrição que nos ensinam a ficar sob controle das sensações e não dos aspectos ambientais que as eliciam.

Em outras palavras, é importante realizar a distinção entre comportamentos selecionados por consequências naturais de sobrevivência e os reforçados aquém desses meios, pois, apesar de similares em natureza, configuram relações comportamentais

diferentes e com pesos sentimentais distintos. Pode-se assumir, ainda segundo Abib (2010, p. 286), que o princípio do prazer toma o lugar de alguns comportamentos “não-naturais” - estes são reforçados por suas consequências prazerosas (apesar de serem processos separados, como comentado anteriormente). Tendo em consideração o que foi apontado, também é importante mencionar a sensibilidade dos comportamentos às suas consequências. Mais especificamente, deve-se atentar a sensibilidade a consequências remotas de um comportamento (como investir ou fazer um curso, que demanda tempo e paciência do indivíduo para consequências positivas futuras), o que se liga perfeitamente nos conceitos de planejamento cultural e autocontrole.

Compreender a sensibilidade às consequências é um passo anterior e necessário para discutir o planejamento cultural - nota-se uma dificuldade em condicionar consequências remotas a comportamentos de longo prazo, como comentado anteriormente. Seria um passo importante para o desenvolvimento cultural como um todo o condicionamento eficaz a consequências remotas, visto que envolve comportamentos importantes, como estudar e trabalhar. Portanto, se fosse possível estabelecer e condicionar os comportamentos de indivíduos em uma cultura planejada, isso significaria um maior bem-estar da cultura, em que pessoas seriam reforçadas pelo simples fato de trabalhar, algo em escassez na contemporaneidade.

O planejamento cultural é, para Melo (2004, p. 81), uma maneira de lidar com uma prática cultural crescente e potencialmente desastrosa, principalmente pela ausência de controle e mediadores para mudanças culturais de grande escala (como no caso da recente revolução digital, o crescimento de movimentos anticientíficos, os homicídios de grupos socialmente minoritários, dentre outros). Significa também uma metodologia de garantir a sobrevivência e aperfeiçoamento cultural, visando a felicidade e bem-estar dos indivíduos inseridos nela. O indivíduo em sociedade, cuja cultura é planejada, estará ciente dos reforçadores remotos ou a longo prazo, já que podem ser demasiadamente adiados ou complicados para se obter. Neste caso, como aponta o autor, uma possível solução seria o condicionamento operante de reforçadores intermediários com o objetivo de manter o repertório de comportamentos com reforçadores remotos.

Outra observação a ser feita em relação às culturas não planejadas (isto é, todas ou a maioria delas) é a extensão os danos colaterais do desenvolvimento cultural dos indivíduos que a compõem (CASTRO, 2007; MELO, 2008). Em outras palavras, o impacto cultural de pessoas buscando reforçadores acabam retroagindo a longo prazo, como por exemplo, na busca da liberdade recém obtida na contemporaneidade ocidental. Castro (2007, p. 56) especificamente argumenta sobre esse fenômeno, discorrendo que indivíduos que se juntaram para terminar maneiras de controle aversivo (como no caso de ditaduras e regimes

autoritários, por exemplo) obtiveram êxito em seu objetivo, mas desenvolveram o extremo oposto como consequência. Neste caso - "leva ao extremo de todos fazerem o que tiverem vontade de fazer, a um *laissez faire* econômico e a um individualismo extremado". Tendo isso em consideração, um controle/planejamento cultural teria o poder de evitar ou minimizar os danos colaterais desse desenvolvimento, e poderia projetar uma maneira eficaz de evolução cultural em que os indivíduos tirem a maior vantagem em prol dos benefícios sociais e individuais. Portanto, como um contraponto ao que é observado na contemporaneidade ocidental, uma cultura que proporciona a felicidade não apenas deve se ocupar com maximizar reforçadores e minimizar adversidades, mas também garantir que comportamentos criativos, originais e produtivos sejam reforçados de maneira em que estes ocorram com maior frequência e produzam uma modelagem mais eficaz. Desta maneira, valores como o altruísmo, solidariedade e respeito à diversidade podem ser mais presentes a longo prazo - o que configura, novamente, uma sociedade mais feliz (MELO, 2008).

Então, é possível, a longo prazo, por meio do planejamento cultural, ter pessoas menos deprimidas e mais contentes com a vida, desde que seja num ambiente em que as elas são 1) reforçadas por comportamentos originais e benéficos para a cultura, 2) são pouco ou raramente punidas ou controladas aversivamente, e 3) compreendem e almejam ações a longo prazo que geram benefícios próprios e sociais. Como pode ser observado, o controle coercitivo é uma das causas da infelicidade na contemporaneidade, e sobre isso, Laurenti (2009, p. 263) descreve o que chama de "escravo feliz". Essa expressão é usada para descrever o evento de um indivíduo que é reforçado positivamente em contingências imediatas (no contato social cotidiano, em seus *hobbies*, atividades prazerosas, o relaxamento do final de semana, etc.), mas, numa investigação mais profunda e cautelosa, descobre-se que está sob os mais diversos e complexos controles aversivos remotos (a religião, o estado, institucionalização, relações abusivas, etc.). O contracontrole desse efeito também é existente, como nas causas de lutas sociais por direitos trabalhistas ou troca de papéis em relações abusivas (como no exemplo clássico da psicopatologia - o jovem que é abusado torna-se abusador quando adulto) (BAUM, 2006). Há um meio termo deste indivíduo, o escravo feliz, que vive sua vida em parcelas felizes, mas estará sempre numa condição sutilmente controladora que o mantém insatisfeito a longo prazo. Os intermitentes prazeres da vida deste sujeito o deixam em linha para não mudar o seu *modus operandi* durante sua vida.

Também em planejamento cultural e tecnologias comportamentais, a educação é uma das principais maneiras de afetar uma cultura profundamente a longo prazo, uma vez que o produto geracional de uma intervenção de tecnologias comportamentais afeta os próximos líderes e principais influenciadores sociais (SKINNER, 1972). Além de que a educação

também promove o autocontrole nos indivíduos em que é aplicada; e como autocontrole, em sua raiz, têm a função de um indivíduo conseguir controlar seu próprio comportamento a partir de outros comportamentos. Em prática, isso quer dizer que o sujeito consegue programar contingências de reforçamento para que seja reforçado a partir de si mesmo, sem depender exclusivamente dos fortalecimentos ambientais. De certa maneira, portanto, pode-se obter prazer de tarefas autodidatas, por exemplo, sem que elas necessitem passar por aprovações ambientais e contingenciamento social. O mesmo vale para o autoconhecimento - será explorado no próximo tópico - visto que exerce uma importante função, apesar de incompleta, de observação do próprio comportamento.

Desta maneira, é possível traçar paralelos importantes naquilo que se define como autoconhecimento e autocontrole no behaviorismo, e a importância destes conceitos para compreender o conceito de felicidade para a análise do comportamento.

2.2 Autocontrole e autoconhecimento

No processo de identificação da felicidade, os conceitos de autoconhecimento e autocontrole devem ser enfatizados, visto que delimitam relações causais, probabilísticas e contingenciais do que causa a felicidade (autoconhecimento) e o controle necessário para a obter ou aumentar sua frequência de ocorrência (autocontrole). Skinner (2003, P. 249-252) discorre sobre o conceito de autocontrole - o autocontrole é primeiramente plural e contextual, e manifesta-se adaptativamente às relações em que é recorrido. O autocontrole é, para o autor, a principal maneira que uma pessoa tem de controlar as variáveis independentes necessárias para aumentar ou reduzir a probabilidade dela se comportar. Skinner compreende que quando o indivíduo deve se autocontrolar, como pensar na resolução de um problema ou tomar uma decisão acerca do seu próprio comportamento, ele está se comportando para se comportar no futuro. Isto se dá através da identificação de variáveis que o comportamento desejado (por modelagem) ou indesejado (por discriminação) é função, e sua conseqüente alteração ou previsão.

Num outro tópico, Skinner (2003, P. 315-318) argumenta que o autoconhecimento, ao menos o pleno e consciente, requer um processo de aprendizado. Situações como "agir sem pensar", esquecer-se de um evento ou ter influências prepotentes sobre um comportamento demonstram a complexidade do autoconhecimento e seu processo de aquisição. O autoconhecimento é muito útil e frequentemente necessário para determinados tipos de processo, como a psicoterapia, por exemplo, ou mesmo as contingências que constituem a vida cotidiana. As variáveis que o indivíduo tem acesso são, em grande parte, privadas, dessa maneira, sendo inacessíveis ao público. Essa configuração determina que o

autoconhecimento é majoritariamente dependente de conhecimentos e previsões únicas ao indivíduo, e isso é esperado culturalmente dele por meio de processos e regras culturais – aqui pode-se pensar no surgimento de livros de autoajuda, por exemplo. A cultura que permeia o sujeito, portanto, reforça que ele busque autoconhecimento através dos meios necessários, e frequentemente recorrendo a si próprio como fonte de autoconhecimento. Esses processos se opõem a outras práticas, inclusive práticas profissionais, como a psicoterapia, por exemplo, que utiliza de um profissional formado para realizar um processo de atendimento terapêutico.

Por vezes, as queixas apresentadas por pacientes em psicoterapia são a sua infelicidade ou dificuldade em sentir felicidade. Essa demanda sugere que a felicidade é tida como um objetivo existencial, e, como explorado anteriormente, fala-se de um fenômeno altamente relativo e dependente de uma complexa história de contingências para sua ocorrência. Neste sentido, deve-se questionar até que ponto a cultura influencia na percepção da felicidade individual – uma generalização de um sentimento pode ser discriminada para todos os indivíduos ou essa é uma consequência de uma cultura em desenvolvimento? Também pode se levantar a hipótese que a felicidade, como percebida na contemporaneidade, pode ser um constructo verbal designado para preencher um papel verbal, estritamente comunicativo, de uma característica percebida culturalmente. Talvez a generalização de um sentimento para uma palavra, e de uma palavra para um conceito cultural seja a incompatibilidade entre o que é esperado culturalmente tido como felicidade e o que o sujeito consegue alcançar de acordo com seu contexto.

Uma exemplificação útil de um processo cultural de autoconhecimento, por exemplo, é no processo de discriminação verbal de sentimentos para a comunidade verbal, como demonstrado por Santos e Nogueira (2020, p. 73). Em seu artigo, as autoras denotam que o processo de aprendizagem de um sentimento na infância depende da comunidade verbal, que vai discriminar um de outro, e vai nomear e conceituá-lo para formar uma classe de estímulos correspondentes ao que é sentido. Esse fenômeno, como pode-se perceber, é muito parecido com as descrições de Tourinho (2011, p.192) para a definição individual do conceito de felicidade a partir de comportamentos selecionados ontogenética e culturalmente. Um outro exemplo envolvendo a cultura e a felicidade individual, Couto (2017, p.33) assinala contextos de mulheres que estão inseridas no paradigma de serem “femininas” e como as contingências sociais que são pertencentes a essa classe afetam a eliciação de sentimentos de felicidade - embelezamento estético, cuidado dos filhos e outras atividades consideradas femininas são tidas como reforçadoras, enquanto a não-participação de atividades não femininas também fazem este papel. O paradigma então é reforçado por homens e mulheres, criando uma classe de estímulos que são sinalizadores de felicidade.

Num paralelo, o julgamento moral individual é uma outra razão para atribuir efeitos de reforçamento a sentimentos de felicidade. Um indivíduo, em função de sua história biopsicossocial, atribui valores de reforçamento a certos estímulos, e estes passam pelo crivo discriminativo, o que, por sua vez, atribui a felicidade a um estímulo específico. Desta maneira, o indivíduo obtém a capacidade de descrever, a partir de seus comportamentos encobertos, o que lhe faz feliz (ou pelo menos o que ele acha que lhe faz feliz). Um observador de um indivíduo em análise não terá acesso aos reforçadores e sentimentos internos deste, portanto, sendo complicado de ter uma comunidade verbal que ensine uma criança, por exemplo, a distinguir felicidade de tristeza (a não ser por claras evidências do fenômeno, como expressões corporais e outras topografias). Esta tarefa é dada para o indivíduo por ter acesso aos seus próprios comportamentos. Entretanto, como discutido anteriormente, ele não é uma fonte confiável para descrever seus próprios comportamentos, então como ele terá a ciência do que lhe deixa feliz e infeliz?

Neste sentido, deve-se voltar a epistemologia behaviorista de como as emoções são percebidas e categorizadas. Caixeta (2009) comenta sobre um ponto fundamental na filosofia de Skinner, em que eventos internos ou as próprias emoções não podem ser consideradas como eliciadoras de comportamentos. Sucintamente, emoções e sentimentos são consequências de contingências - ocorrem e são eliciadas após ou paralelamente ao comportamento em contingências respondentes separadas a ele, como aponta o autor. Em mais detalhes: "as emoções, tais como medo, ansiedade, raiva, alegria, felicidade etc, englobam padrões de comportamentos que são classificados de acordo com as circunstâncias e a probabilidade de ocorrerem" (p. 21).

Por essa perspectiva, também pode-se observar, portanto, que classes de estímulos que caracterizam uma contingência/comportamento são frequentemente, por ricochete, associadas ou pareadas a comportamentos respondentes que caracterizam um sentimento (e.g dar risada, que, apesar de ser um comportamento filogenético e presente na grande maioria dos humanos, depende fortemente de fatores sociais, ontogenéticos e contextuais para sua emissão). Assim, podemos afirmar e responder à pergunta feita no parágrafo retrasado: o sentimento de felicidade pode ser discriminado e categorizado a partir do seu componente filo e ontogenético, pareado com o que é aprendido em sua comunidade verbal/cultural. O processo de nomeação e discriminação de sentimentos acontece por um processo parecido com o descrito na última sentença, este altamente dependente de uma cultura capaz de providenciar esse tipo de contingência e esquema de reforçamento para um indivíduo.

Entretanto, pode-se dizer que, mesmo com o suporte cultural para a identificação do sentimento de felicidade num indivíduo, ainda não é possível garantir uma condição que

promova a felicidade numa alta frequência através do autoconhecimento e autocontrole devido às adversidades da vida de um sujeito, como o imparável desenvolvimento cultural, as relações de controle aversivo, fatores biológicos, dentre outros. Assim, pode-se imaginar um contexto amplo e social em que a existência de uma pessoa não seja repleta de infelicidades - destaca-se a ética behaviorista e skinneriana.

2.3 Ética Behaviorista

A promoção da felicidade para um grupo de indivíduos não é um conceito distante dos trabalhos de Skinner e dos outros autores do behaviorismo. A discussão ético-cultural permeia os livros e artigos sobre o que deve ser feito em relação à infelicidade presente no mundo. A ética skinneriana está primordialmente preocupada com a sobrevivência da espécie, e a ciência comportamental funcionaria, nessa ótica, como maneira de intermediar as relações de uma sociedade e planejar um sistema de funcionamento sócio-cultural em que há um sentimento de igualdade entre os membros e recompensa pelos esforços do trabalho, assim, desenvolvendo pessoas auto sustentáveis e engajadas nas atividades necessárias com um sentimento de felicidade (CASTRO 2013; 2015),. Ausec (2007, p. 45-47) descreve esse estágio inicial da ética skinneriana como uma utopia, se referenciando ao livro Walden II, no qual o autor descreve uma comunidade que segue as filosofias e práticas científicas apresentadas pelo behaviorismo.

Explorando adiante com o conceito de ética skinneriana, parte-se da base de que juízos de valores proferidos têm sua origem em efeitos reforçadores na história biopsicossocial do indivíduo e, por isso, classificam coisas (ideias, conceitos, situações, ações, etc.) em contingências verbais (justo, moral, virtuoso, errado, indigno) - estas, em última análise, representam seus efeitos reforçadores (CASTRO, 2013; SILVA, 2016). Como comentado anteriormente, as relações de comportamentos com sentimentos são íntimas, e o mesmo vale para os juízos de valor. Isto é, desenvolve-se uma ideia no indivíduo que têm um peso sentimental e um valor reforçador intrínseco. Ações erradas ou injustas deveriam ser evitadas, enquanto ações virtuosas e solidárias devem ser perseguidas, por exemplo. Neste exemplo específico, pode-se traçar que há um valor de reforçamento maior em ações virtuosas e solidárias (configurando-as como reforçadoras positivas), enquanto que há um menor valor de reforçamento nas ações erradas ou injustas (configurando-as como reforçadoras negativas). O indivíduo evita, então, para o bem dele e da cultura, embarcar em situações ou ações que o fariam ser injusto ou errado, pois estes comportamentos são sinalizadores de punições futuras por agências de controle diversas (o sistema de justiça, polícia, coerção dos amigos e família, etc.).

Numa segunda análise da ética skinneriana, dois outros conceitos aparecem que também merecem destaque: os aspectos descritivos e prescritivos. Segundo Abib e Dittrich (2004, p. 428), o aspecto descritivo do sistema ético skinneriano aponta e delimita o que já é presente numa cultura, isto é, como objetivo da ciência comportamental, a cultura, sociedade, indivíduos e todos os seus valores éticos. Isto significa que é o aspecto que determina a causalidade e a observação dos comportamentos dos indivíduos de uma cultura, desde os mais simples até os mais complexos, estabelecendo as variáveis que controlam os comportamentos dos sujeitos e a origem biopsicossocial de seus juízos de valores.

Por outro lado, ainda segundo os autores, o aspecto prescritivo está orientado a movimentar a sobrevivência da cultura e apontar o que deve ser feito para isto.. Por vez, deve-se ter uma compreensão completa de que cultura está sendo referida quando se exploram estes conceitos, pois uma cultura consolidada é um ambiente social complexo que envolve um número incontável de contingências (FERNANDES, 2015). Tendo isso em consideração, primeiro deve-se delimitar a cultura explorada (numa maneira muito parecida a determinar um método de pesquisa científico, por exemplo). Isto é, está se falando da cultura de uma escola ou de um grupo de amigos? Ou até, será uma cultura de uma nação? É possível fazer essa distinção? Não existe resposta concreta e crua para isto, pois culturas são conglomerados complexos de indivíduos e relações com definições imprecisas - mas um bom analista do comportamento deve se ater ao máximo os limites da cultura e *descrever e prescrever* o que é e o que esta deve fazer.

Ambos os conceitos mencionados (descrição e prescrição) devem ser subordinados, porém, ao que Skinner (DITTRICH, 2008; ABIB & DITTRICH, 2004) denomina como o valor ético primordial de qualquer sociedade - a sobrevivência da cultura, pois, sem cultura, não há sobrevivência da espécie. Entretanto, deve-se levar em consideração que não basta apenas a sobrevivência de uma cultura em que as pessoas são miseráveis ou infelizes, portanto, configurando a importância de outros valores éticos subordinados à sobrevivência cultural, como a felicidade, trabalho, saúde e bem-estar dos indivíduos da mesma. Levando essas reflexões em consideração, retorna-se aos conceitos de juízo de valor e ética individual já comentados anteriormente, visto que são virtudes provenientes da história individual de um sujeito, sempre atrelada ao seu valor de reforçamento para este.

Não há uma clara justificativa para o porquê de atribuir a Skinner o valor ético principal de sobrevivência a cultura. Ou melhor, Skinner se submerge completamente em sua própria definição. Segundo Dittrich (2008), o pai do behaviorismo há de dizer:

Não pergunte a mim, enquanto suposto agente moral autônomo, por que eu quero que a humanidade sobreviva. Eu posso responder o

porquê apenas recorrendo à história de seleção de meu próprio comportamento por suas conseqüências – assim como o fisiólogo recorreria à história seletiva de minha espécie para explicar porque eu, enquanto membro da espécie, quero respirar (P. 22)

Segundo os parâmetros já estabelecidos entre descrição e prescrição, nesta citação Skinner está apenas descrevendo sua relação com este valor ético baseado em seu valor de reforçamento, que reflete sua história biopsicossocial.

Como notado, em sumário, a sobrevivência da cultura é o norte de qualquer ato prescritivo, este que se apoia nas descrições de sua(s) cultura(s). A prescrição, entretanto, deve-se atentar aos outros princípios que permitem a sobrevivência e desenvolvimento de uma cultura, em valores como felicidade, trabalho, saúde, amizade e etc. Essa estruturação de uma cultura e um possível planejamento cultural é o que permite a designação e otimização das contingências de indivíduos, maximizando desta maneira seu bem-estar e felicidade em um ambiente, justificando a relevância destes tópicos sobre a felicidade na análise do comportamento.

Outro ponto a ser formulado é o conceito de bens no sistema ético skinneriano, que está a uma camada acima dos comportamentos éticos. Segundo Abib e Dittrich (2004), o sistema ético skinneriano denota 3 tipos de bens:

Bens pessoais são reforçadores positivos em relação ao comportamento da pessoa que os produz. Cabe destacar o adjetivo positivos, pois reforçadores negativos são o oposto de bens pessoais. Bens dos outros são aqueles que, ainda que produzidos por certo indivíduo, resultam em reforçamento positivo para o comportamento de outras pessoas que não o próprio indivíduo. Também estaremos agindo eticamente, nesse caso, ao remover reforçadores negativos em relação ao comportamento de outros. Bens das culturas são todas as conseqüências de práticas culturais que contribuem para a sobrevivência da cultura que promove tais práticas (Skinner, 1971 apud DITTRICH & ABIB, 2004, P. 427).

Em sua constituição, os 3 tipos de bens representam alguma forma de fortalecimento da cultura (em outras palavras, sua sobrevivência), o que caracteriza sua natureza ética no sistema skinneriano. Todos os bens seguem as mesmas regras das contingências operantes, pois produzem conseqüências no ambiente e retroagem sobre os indivíduos que o compõem.

Os comportamentos que geram bens (de qualquer tipo) obrigatoriamente têm uma

consequência boa para o indivíduo que se comporta ou na cultura que está inserido. Estes podem vir de várias maneiras, desde a remoção de reforçadores negativos dos outros à produção de um reforçador positivo próprio. Nota-se a ausência de qualquer medida de coerção ou controle aversivo durante a formulação do sistema ético skinneriano e sua compreensão do funcionamento emocional do ser humano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi pesquisado, analisado e descrito, é possível traçar conjunturas e ter uma análise compreensiva do que a análise do comportamento considera como felicidade, explorando os fatores culturais, problemáticas e o processo de desenvolvimento deste mesmo conceito a partir das regras do comportamento operante.

A trajetória percorrida na pesquisa e implementação do projeto levaram os materiais a tocarem, principalmente, aspectos conceituais, éticos e de autocontrole/autoconhecimento da felicidade para o indivíduo. Foi possível descobrir que, do ponto de vista conceitual, a felicidade é distante de um preceito abstrato e universal, aplicável para todos os indivíduos da espécie. Inicialmente, entretanto, deve-se fazer uma importante distinção - a consequência operante dos comportamentos (se será reforçado, punido ou extinto) ocorre em um processo diferente da eliciação de sentimentos. As consequências do comportamento operante são probabilísticas e sentimentais, ou seja, a felicidade é uma consequência de comportar-se.

Ainda no conceito de felicidade, alguns autores começam a percorrer o sentido de subjetividade *versus* objetividade - há uma importante causalidade aqui, pois, se conceitos abstratos sobre sentimentos existem numa cultura em relação ativa entre os seus membros por meio do comportamento verbal como base para sua definição, não podem expressar o conceito individual de felicidade de um indivíduo. Em outras palavras, a definição de sentimentos numa cultura usa obrigatoriamente uma base pública e observável de comportamentos verbais de interação entre indivíduos, mas isso entra em conflito direto com os comportamentos privados de uma pessoa sobre esse tipo de sentimento devido a sua história de contingências. Os autores estudados também compreendem a importância da história de reforçamento para a construção do conceito individual de felicidade e o princípio do prazer como uma das formas de obtenção de felicidade em comportamentos idiossincráticos e filogenéticos.

Em suma, portanto, acerca do conceito de felicidade, pode-se dizer que é um fenômeno que ocorre a partir de comportamentos operantes (verbais, privados e não verbais) e respondentes, que dizem mais sobre a sua construção individual e cultural.

Complementar ao que se define como felicidade no behaviorismo radical, observa-se uma relevância nos conceitos de autocontrole e autoconhecimento, pois estes determinam e

auxiliam o indivíduo na compreensão e obtenção da felicidade. Isso se dá, por exemplo, pelo processo psicoterapêutico ou até mesmo pelo treino discriminativo de identificação de sentimentos na infância. Esses processos, segundo os materiais obtidos, ainda possibilitam a identificação de histórias de reforçamento de um indivíduo e complementam a compreensão do conceito de felicidade - o atribui como uma consequência comportamental, e não uma causa.

A partir da identificação das variáveis que produzem a felicidade, é possível, então, descrever uma classe de estímulos que está diretamente ligada a esse sentimento, assim compreendendo o conceito de felicidade individual. Esse trabalho, entretanto, é conjunto, devido à natureza dos comportamentos privados e do que pode ser concluído como “margem de erro” nessa identificação. Por outro lado, esse processo apenas diz respeito ao indivíduo, portanto, tendo claras contradições com a cultura. Ainda em cultura - de um ponto de vista estatístico, é muito mais provável um indivíduo ser infeliz do que feliz. Isso se dá pela abundância de contingências de controle aversivo, seja por instituições, governo, relações pessoais, discordâncias entre desejos pessoais e imposições culturais, etc; e pela restrição de reforçadores para o indivíduo (e sua obrigatória discrepância com outros indivíduos). Por esse motivo, é necessário comentar sobre como um planejamento cultural pode contornar estes problemas.

O planejamento cultural tem o potencial de frear o desenvolvimento de uma cultura desastrosa a planejando, deixando que indivíduos que estão inseridos nela sejam mais felizes a longo prazo e garantam sua sobrevivência. Esse discernimento se liga perfeitamente com os conceitos de ética skinneriana, que tentam descrever e prescrever a solução ética para um conflito essencialmente cultural, se atentando aos valores necessários para a sobrevivência desta e sempre subordinando aquilo que se considera de alto valor de reforçamento para seu funcionamento, desde os juízos de valores a atribuições de contingências de reforçamento diversas.

Tendo em consideração o que foi explorado nesta pesquisa, pode-se concluir que a felicidade, para a análise do comportamento, é um fenômeno que depende de fatores culturais e individuais, especialmente dependente da análise dos valores/esquemas de reforçamento, autoconhecimento e autocontrole para sua compreensão. Ademais, o sistema ético skinneriano e o planejamento cultural são ferramentas extremamente úteis para a análise e construção de uma cultura mais feliz, promovendo um sistema organizado de funcionamento social e que se atenta às necessidades individuais e culturais dos indivíduos que a compõem. Espera-se que novos estudos ampliem a compreensão comportamental do fenômeno felicidade, e assim, possam contribuir para uma prática mais eficaz dos psicólogos.

4. REFERÊNCIAS

- ABIB, J. A. D. Sensibilidade, felicidade e cultura. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 283-293, 2010.
- ABIB, J. A. D; DITTRICH, A. O sistema ético skinneriano e conseqüências para a prática dos analistas do comportamento. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 17, n. 3, p. 427-433, 2004.
- DITTRICH, A. O problema da “justificação racional de valores” na filosofia moral skinneriana. **Revista Psicolog**, v. 1, n. 1, p. 21-26, Curitiba, 2008.
- ASCELRAD, M., LOPES, J. C. R. O que faz você feliz? Reflexões sobre a psicologia na sociedade de consumo. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul. n. 46, p. 233-248, 2016.
- AUSEC, H. O. **As concepções do behaviorismo radical sobre a orientação do dever: um paradoxo à ética na utopia de Skinner**. Dissertação de Mestrado, UEL, Londrina. 2007.
- BAUM, W. M.; **Compreender o Behaviorismo**: comportamento, cultura e evolução. Tradução de MT Araújo Silva, 2. ed., p. 220-223. Porto Alegre, 2006.
- BRANDENBURG, O. J.; WEBER, L. N. D. Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical. **Psico-USF**, Itatiba , v. 10, n. 1, p. 87-92, Junho 2005
- CAIXETA, Bruno Alves. **Auto-estima na perspectiva do behaviorismo radical**. Trabalho de Conclusão de Curso. 2009. Brasília, p 19-22, Julho de 2009.
- CASTRO, M. S. L. B. de; ROSE, J. C. C. de.. O conflito ético e sua solução no Behaviorismo Radical. **Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva**, 17(2), 46-51. 2015, São Carlos.
- CASTRO, M. S. L. B; et al. **A ética skinneriana e a tensão entre descrição e prescrição no Behaviorismo Radical**. Dissertação de Mestrado. p. 56. São Carlos, 2007.
- CASTRO, M. S. L. B; et al. **O naturalismo ético no behaviorismo radical de BF Skinner**. Tese de doutorado. São Carlos, 2013.
- COUTO, A. G. **Uma análise behaviorista radical da discussão feminista sobre o empoderamento da mulher**. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 2017.

FERNANDES, D. M. **A sobrevivência das culturas como prescrição ética para o planejamento cultural**: um estudo conceitual. Dissertação de Mestrado. Bauru, 2015.

LAURENTI, Carolina. Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical. **Sci. stud.**, São Paulo , v. 7, n. 2, p. 251-269, Junho, 2009 .

MELO, C. M.; et al. **A concepção de homem no behaviorismo radical e suas implicações para a tecnologia do comportamento**. Tese de Doutorado. São Carlos, 2008.

MELO, C. M.; et al. **A concepção de Homem no Behaviorismo Radical de Skinner**: um compromisso com o bem da cultura. Dissertação de Mestrado. São Carlos, 2004.

MOROZ, Melania; RUBANO, Denise Rosana. Subjetividade: a interpretação do behaviorismo radical. **Psicologia da Educação**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. São Paulo, 2005.

SANTOS, R. D. L.; NOGUEIRA, C. P. V. A Importância do Autoconhecimento para o Desenvolvimento do Repertório de Autocontrole/The Importance of Sel-Knowledge for the Development of the Self-Control. **ID on line - REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 14, n. 49, p. 64-81. Juazeiro do Norte, 2020

SILVA, S. Z. **Análise Empírica e Conceitual sobre Ética e Valores na Psicoterapia de Fundamentação Behaviorista Radical**. Dissertação de Mestrado. Londrina, 2016. 108 f.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. Trad. João Carlos Todorov, Rodolfo Azzi. p. 249-252, p. 315-318. Martins Fontes. 11ª Ed., São Paulo, 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. **O mito da liberdade**. Trad. Grupo Gen (Editora Guanabara Koogan), p.83-102. 2012.

SKINNER, B. F. **Tecnologia do ensino**. (R. Azzi, trad.). São Paulo, SP: HERDER/EDUSP.(Trabalho original publicado em 1968). p 175-189. 1972.

TAMURA, T. T.; LAURENTI, C. Felicidade e prazer: Um diálogo entre Epicuro e Skinner. **Perspectivas**, São Paulo , v. 8, n. 2, p. 186-199, 2017

TOURINHO, E. Z. Notas sobre o Behaviorismo de ontem e de hoje. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 24, n. 1, p. 186-194, 2011 .

Contatos: diegozdante99@gmail.com e alexmoreira@mackenzie.br

